

LF  
B869.5  
V614  
CBC

LUIZ VIANA FILHO

# O CULTO DA BOA CONVERSA

Ata de Natal  
do Sabadoyle  
(1983)

Edições Sabadoyle  
Rio de Janeiro  
1983



## O CULTO DA BOA CONVERSA



LUIZ VIANA FILHO

O CULTO DA BOA CONVERSA

Ata de Natal  
do Sabadoyle  
(1983)

Edições Sabadoyle  
Rio de Janeiro  
1983



*Não sei o que fiz, nem o que não fiz: mas mais sei o que não fiz, porque suspeito que não fiz o que vós quereis (Carta de D. FRANCISCO MANUEL DE MELO a um amigo).*

Como de hábito nesta amena confraria, tranqüillo recanto em meio aos assaltos e turbulências da grande cidade (tão grande quanto insegura), costuma o nosso admirável e querido Prior PLÍNIO DOYLE, ao aproximar-se o Natal, convocar alguns dos que tiveram o privilégio de freqüentar e fruir as benesses propiciadas pelo Sabadoyle, para redigir a tradicional “Ata de Natal”, espécie de Cântico com que nos despedimos, os olhos postos na aurora do Novo Ano. Iniciativa à qual devemos belas e afetuosas páginas de muitos companheiros, entre os quais (que me perdoem os involuntariamente omitidos) ALPHONSUS DE GUIMARAENS FILHO, RAUL BOPP, MÁRIO DA SILVA BRITO, MURILO ARAÚJO, CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, GILBERTO MENDONÇA TELES, PEDRO NAVA, HOMERO HOMEM, AMÉRICO JACOBINA LACOMBE, HOMERO SENNA, JOAQUIM INOJOSA, MAXIMIANO

DE CARVALHO E SILVA, cada qual trazendo uma palavra de amizade, que é de todos e para todos.

Hoje toca a vez a um irmão que, pelas longas ausências, se tem apenas como uma espécie de irmão leigo, mas nem por isso menos agradecido e devotado à confraria.

Se o nascimento de Jesus é suave e encantador pretexto para nos congratularmos uns com os outros, desejando-nos êxitos e venturas enquanto acalentamos esperanças próprias do Natal, por certo devem ser amenas as palavras desta Ata Maior, súpula de quanto alegremente fruímos, graças ao fraternal convívio promovido pelo nosso PLÍNIO DOYLE, incomparável amigo e anfitrião.

Convívio no qual, teimosamente, nos atemos — exceção feita das inocentes gulodices oferecidas por IDALINA, a quem toca limpar o templo e conservar azeite nas candeias — a cultivar a boa conversa. Nada mais que isso. E, circunstância singular, fazemo-lo sem falar mal da vida alheia, pois a maldade aqui não tem guarida. De tal modo que os confrades entram e saem inteiramente despreocupados do que deles dirão os que ficaram, continuando a soprar a chama da boa palestra.

Boa razão teve, pois, o nosso grande PEDRO NAVA ao dizer, numa Ata, que “a cordialidade é a nossa regra”. De fato o é. É ela inseparável de tudo que aqui nos cerca nesses encontros, tão



simples e carregados de afetividade. Até os valiosos livros e as raras coleções, originais e recortes, que lembram o constante e infatigável amor de PLÍNIO DOYLE no afã de reunir e conservar muito do que, no Brasil, se fez nas belas letras, tudo aqui é cordial. Não admira que assim seja, se tudo está ungido pelo extraordinário espírito do bom anfitrião, cuja faina é tão fielmente ajudada e completada pela nossa diletta SÔNIA.

Escreveu EÇA DE QUEIRÓS, numa carta à sua mulher, ser a cordialidade a quarta das virtudes teologais, ao lado da fé, da esperança e da caridade. Essa a virtude que aqui, ano após ano, sábado após sábado, cultuamos religiosamente. Fazemo-lo há dezenove anos. Rápidos dezenove anos, fugazes, mas que avaliamos inclusive pelas tristezas que semearam, privando-nos de confrades que recordamos com afeto e saudade. Quando formulou aquela repetida indagação, para saber se mudara ele ou o Natal, bem sabia MACHADO DE ASSIS que o Natal jamais muda. Aliás, foi por sabê-lo que MANUEL BANDEIRA escreveu estes belos versos:

*Espelho, amigo verdadeiro,  
Tu reflectes as minhas rugas,  
Os meus cabelos brancos,  
Os meus olhos miopes e cansados.  
Espelho, amigo verdadeiro,  
Mestre do realismo exato e minucioso,  
Obrigado, obrigado!*

Também nós não receamos o que o espelho nos mostra, inevitável consequência dos anos idos e vividos. Queremos um Natal em que domine a alegria da fraternidade, franco e aberto como deve ser a cordialidade. O nosso Papai Noel não será como aquele às avessas, e que o nosso admirado CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE fixou nesses versos de humor:

*Papai Noel entrou pela porta dos fundos  
(no Brasil as chaminés não são praticáveis),  
entrou cauteloso que nem marido depois  
[da farra.*

*Tateando na escuridão torceu o computador  
e a eletricidade bateu nas coisas resignadas,  
coisas que continuavam coisas no mistério  
[do Natal.*

*Papai Noel explorou a cozinha com olhos  
espertos, achou um queijo e comeu.*

Pobre Papai Noel!

Qual de nós faria isso se tudo nos vem de bandeja, e coberto com a ambrosia da amizade? É que para nós, mercê de Deus, o Natal não muda. Mudam, sim, as Atas, cada qual trazendo o traço peculiar ao seu autor, mas todas elas contendo esse denominador comum que é a fraternidade que nos une para agradecer e exaltar PLÍNIO DOYLE, que a um só tempo, e nos dias que correm, encarna os Reis Magos trazendo para a nossa

manjedoura bolos, bolinhos, biscoitos e sorvetes que o menino Jesus preferiu não conhecer, pois — quem sabe? — poderia ter cedido à tentação.

O Natal que almejamos, o Natal que queremos, o Natal com que sonhamos, contém a bondade, a alegria e a esperança. É o Natal que encontro nestes versos de GODOFREDO FILHO:

*A lívida aurora  
Os galos ferem,  
De cantos vermelhos  
Com debruns azuis:  
— Nasceu em Belém  
Menino Jesus!*

*Do aclave das horas  
Por ermos caminhos,  
Os Reis Magos vêm  
Nos seus dromedários.*

*E mais, as ovelhas,  
E ledos pastores,  
Jumentos, cordeiros,  
E abelhinhas de oiro.*

*Agora, são anjos  
De asas translúcidas,  
Com poeira de astros  
Nas sandálias brancas.*

*— Nasceu em Belém  
Menino Jesus!*

*(E esfolham-se, trêmulas,  
No regaço da alva  
Verbenas de frio.)*

*— Vamos a Belém,  
Vamos a Belém  
Que nasceu Jesus.*

Não podendo ir a Belém, nos contentaremos em ir ao Sadoyle para abraçar os queridos companheiros, PLÍNIO e SÔNIA, e a todos desejar que os continue a guiar a mesma estrela-d'alva, clara e benfazeja, que anunciou o nascimento do Salvador.

Rio de Janeiro, Natal de 1983.

*Luiz Viana Filho*